

Dossiê

Religiões e materialidades

Repensar as relações entre pessoas e coisas

Organizadoras: Clara Mafra e Renata Menezes

Apresentação

Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas misturadas saem cada qual da sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca (Marcel Mauss, *Ensaio sobre a dádiva*, 2003 [1923-1924]: 212).

A citação de Mauss, extraída do seu *Ensaio sobre a Dádiva*, nos lembra que a complexa relação entre pessoas e coisas pode ser considerada um tema clássico das Ciências Sociais, notadamente da Antropologia. No entanto, o que motiva sua escolha para compor um dossiê em *Interseções* não é tanto o caráter instituidor do tema, mas a constatação de que nos últimos anos ele tem passado por uma espécie de avivamento, através da multiplicação de análises que colocam em foco *objetos, peças, obras, artefatos, materiais, materialidades, materiais, coisas*, enfim.

A variedade dos nomes que surge nos trabalhos espelha as diferentes tradições disciplinares e os distintos referenciais teóricos em jogo, articulados em torno da temática, a porto de alguns estudiosos falarem de um *material turn*, *uma virada material* que desde os anos 1980/1990 estaria infletindo as perspectivas analíticas de várias disciplinas, formando uma espécie de onda que motivaria não apenas cientistas sociais, mas também historiadores, historiadores da arte, especialistas em estudos culturais, arquitetos, arqueólogos, museólogos, etc. (ver como exemplo, BENNET & JOYCE, 2013).

Assim, seja do ponto de vista de uma nova importância atribuída à cultura material, seja para repensar as fronteiras entre arte e sociedade, ou entre arte e outros objetos ‘utilitários’ de cultura material; seja para recuperar a noção de técnica como uma entrada para a análise de processos de transformação e a configuração de saberes-fazer capazes de distinguir especialistas ou grupos de produtores; ou para repensar políticas de representação do

patrimônio, suas relações com o passado e a tradição e a vida cotidiana e dinâmica daqueles que produzem esse patrimônio; ou para acompanhar e problematizar a circulação de bens em um mundo globalizado, em que as mercadorias por vezes ultrapassam fronteiras mais facilmente que as pessoas; ou ainda para colocar em questão as dicotomias moderno-ocidentais calcadas na demarcação clara entre sujeito e objeto, ativo e passivo, animado e inanimado, pessoa e coisa, o fato é que as materialidades têm estado presentes com força no cenário das humanidades (para uma síntese dessas distintas abordagens, ver TILLEY *et al.*, 2006).

O dossiê aqui apresentado pretende nos aproximar desse campo de discussões por meio de três estudos de caso. No primeiro deles, Andréia Vicente da Silva trata da elaboração do luto por uma família evangélica no Rio de Janeiro através da manipulação dos objetos deixados por sua filha falecida. No segundo, Lilian Alves Gomes analisa os ex-votos armazenados em uma Sala de Milagres no interior de Minas Gerais. E por fim, Alberto Goyena analisa as controvérsias em torno de uma grafiteagem de “vândalos” brasileiros realizadas em um castelo medieval escocês, tombado pelo patrimônio daquele país. Luto, devoção, patrimônio histórico: problemáticas conhecidas, mas que ganham perspectivas originais ao serem reconstruídas a partir do prisma das materialidades, adensando as possibilidades de interpretação. Ou seja, cada um desses trabalhos exemplifica o rendimento analítico que um novo olhar (mesmo que seja um olhar de novo...) sobre as coisas que nos cercam e nos envolvem é capaz de permitir.

Andréia Vicente da Silva explora em seu texto a etnografia que realizou com evangélicos pentecostais da Assembleia de Deus em Magé, RJ, para pensar a relação que eles estabelecem com seus mortos. Tendo como ponto de partida a doutrina desta igreja, que nega a possibilidade de retorno dos mortos e de interferência humana no Juízo Final, e que, portanto, provoca nos fiéis grande comedimento em ritos fúnebres, evitando qualquer tipo de manifestação em cemitérios, a autora indaga como então os adeptos lidam com a perda de entes queridos, ou seja, como elaboram seu luto sem grandes rituais. Para isso, Silva apresenta o caso de uma senhora de cerca de 40 anos, cuja filha caçula de cinco anos falecera há não muito tempo, vítima de uma meningite mal diagnosticada. Segundo a autora, o sofrimento materno estaria sendo elaborado através da preservação e do manuseio de alguns objetos que pertenceram à criança.

A atenção posta no cuidado da mãe com as coisas da filha desaparecida permitem que Silva opere dois deslocamentos significativos: primeiro,

quando à teoria dos rituais, tornando sua escala mais próxima ao cotidiano, à interação, à informalidade. É através de atos como guardar com cuidado anotações, mamadeira, roupas, brinquedos; manuseá-los em momentos de saudade, cheirá-los, tocá-los, produzindo pequenos rituais cotidianos que a mãe evoca as lembranças da menina e administra sua dor. Porém, não se trata de qualquer objeto, mas daqueles que de alguma forma se tornaram capazes de recompor o uso que sua antiga dona deles fazia, isto é, objetos condensadores de lembranças e, portanto, propiciadores de presença: a Bíblia da menina, algumas roupas favoritas, fotos, escova de dente, mamadeira, brinquedos muito usados.

O foco na seleção de objetos, na forma em que foram preservados e nas modalidades de sua manipulação permite ainda a produção de um segundo deslocamento, que é o de relativizar o senso comum (e mesmo o senso comum teológico e acadêmico) sobre o luto dos evangélicos. Se a doutrina dessa denominação evangélica estabelece uma nítida separação entre vivos e mortos, negando a possibilidade de comunicação entre eles e tratando as pretensas aparições de mortos como manifestações demoníacas, os objetos permitem flexibilizar essas fronteiras, através das práticas da rememoração, pois eles permitem relembrar os gostos e os gestos de seu antigo dono. O morto não aparecerá como “alma”, mas suas coisas viabilizam a recomposição de sua “presença”, como lembrança ou evocação. Assim, os suportes materiais, pela plasticidade de seu uso e pela multiplicidade de significados que condensam, seriam poderosos auxiliares no enfrentamento da dor da perda e na passagem pelo luto dos evangélicos.

Já o artigo de Lilian Gomes nos leva a refletir sobre a complexidade oculta pela aparente transparência da categoria *ex-voto*, nome comumente atribuído a objetos deixados a santos e outros entes como forma de retribuição por graças alcançadas, que em templos católicos tendem a ser guardadas e exibidas em Salas de Milagres. Voltando sua análise para a configuração de uma delas, localizada em Leandro Ferreira, MG e dedicada a padre Libério, um sacerdote em processo de canonização, a autora tenta entender os princípios de organização que configuram esse espaço, indagando por uma lógica particular que poderia estar aí operando. Nesse sentido, os objetos em exposição são tratados não apenas como algo em exibição, mas como entrando em relações com os visitantes – que são doadores, ou expectadores, mas que, na maioria dos casos, incorporam essas duas posições.

Gomes demonstra que uma pluralidade de objetos – não apenas religiosos, mas também cotidianos, pode adquirir dimensões sagradas ao serem

ofertados como ex-votos, mas que os agrupamentos que se formam, até certo ponto inusitados para um observador externo, podem provocar sensações de desconforto, uma espécie de incômodo com a taxionomia própria da devoção, que coloca lado a lado o que deveria estar separado, que produz metáforas, metonímias e sinédoques inusitadas, que inverte as causalidades óbvias e opera com uma lógica do envolvimento e da participação.

O que a autora vai procurar demonstrar é que a Sala de Milagres, para além de um espaço de exposição de objetos, é um espaço de construção de narrativas de devoção, e que doar muitas vezes é doar-se. Assim, colocar seu ex-voto em exposição significa, segundo a autora, inscrever-se numa narrativa de santidade e assinalar seu pertencimento a uma comunidade de devotos. A partir da análise da intensidade e das nuances da relação densa entre as coisas doadas e as pessoas que as doam, torna-se possível compreender melhor a devoção e refinar, a partir dessa compreensão, as teorias da dádiva e da reciprocidade normalmente utilizadas para explicar os ex-votos.

O terceiro artigo, de Alberto Goyena, leva-nos ao universo dos debates sobre patrimônio, sem necessariamente nos afastar do horizonte do sagrado, pois sabemos que a patrimonialização e o louvor ao passado e à tradição são capazes de operar contemporaneamente como mecanismos de sacralização. E é como uma “profanação” que a grafiteagem no castelo de Kelburn, cujas fundações remontam ao século XIII e que é tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico Escocês, é entendida e criticada por muitos, provocando polêmicas quanto à sua adequação. Feito como uma intervenção temporária, a convite do proprietário, no reboco de uma torre do castelo que estava em restauração, o grafite tornou-a multicolor e provocou desconforto estético, causando uma série de reações, as quais o autor procura analisar para compreender o espaço dado às coisas do passado e as formas de lidar com ela em operação no presente. Serve ainda para que o autor assinale, tendo por referência o caso escocês, a existência de diferentes políticas de conservação e restauro dos patrimônios.

Mas o episódio se revela frutífero também para pensar nas fronteiras de legitimidade no campo das artes plásticas. Convidar grafiteiros para atuar em um castelo medieval significa produzir um deslocamento, levando a arte das ruas para um prédio da nobreza. Se o grafite pode ser entendido como um discurso sobre a cidade e as gangues, o que ele teria a dizer sobre a nobreza e o mundo rural? Seria possível adentrar o mercado das artes plásticas, universalizando-se, e permanecer em diálogo com o universo da rua? O fato é que a modernização do castelo pode ser lida também como uma espécie

de *gentrificação* do grafiti, e seria preciso prestar atenção aos efeitos que esse deslocamento provocará.

Assim, a controvérsia sobre a adequação da pintura revela uma série de embates classificatórios, que permitem a Goyena interrogar sobre o nexos possível entre práticas culturais e práticas patrimoniais, a partir do jogo de ambivalências estabelecido entre preservação-restauração-criação-destruição.

Uma última observação precisa ainda ser feita quanto à montagem do dossiê. Foi através de um convite da profa. Clara Mafra que, com prazer, me envolvi nesta empreitada, dando continuidade a um conjunto de atividades que estávamos desenvolvendo em parceria nos últimos anos, como bancas de conclusão, seminários, grupos de estudo, e, mais especificamente para este produto, sua participação como debatedora no Grupo de Trabalho *Materialidades do Sagrado*, que coordenei juntamente com o prof. Ronaldo Almeida, da Unicamp, na 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia, em 2012. No GT, Clara discutiu com atenção e criatividade os trabalhos de sua sessão e contribuiu efetivamente no debate das demais. Por considerar a experiência estimulante, propôs-me a continuação da reflexão na elaboração de um dossiê para *Interseções*.

No entanto, apesar de a proposta ser sua, a doença que a acometeu no último ano afastou-a da conclusão do trabalho, pois pudemos apenas fazer rápidas conversas telefônicas sobre os caminhos a seguir. Minha expectativa é que o formato final tenha se mantido fiel ao princípio que nos movia no início do processo. Gostaria, portanto, de dedicar a Clara Mafra o resultado dessa parceria precocemente interrompida, como uma forma de agradecimento por sua generosidade intelectual e pessoal, que, recentemente me dei conta, foi uma constante em nossa relação.

Renata de Castro Menezes

Referências

BENNETT, Tony & JOYCE, Patrick (eds.)
(2013) *Material powers: cultural studies, history and the material turn*. London: Routledge.

MAUSS, Marcel
(2003) "Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas" [1923-1924].

In: _____. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: CosacNaify, p. 183-314.

TILLEY, Chris et al. (eds.)
(2006) *Handbook of material culture*. London: Sage.